

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Responsável: Prof. Vicente Dobroruka

www.pej-unb.org

Universidade de Brasília

IHD - Dpto. de História

Brasília -DF-

70910-900

**"OS *ACTA ALEXANDRINORUM*: CONFLITOS ÉTNICOS OU
BRIGA POR *STATUS* EM ALEXANDRIA?"**

UERJ - IV ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DA ANTIGÜIDADE / V JORNADA
DE HISTÓRIA ANTIGA, 24-28 DE MAIO 2004

"RELIGIÃO, MAGIA E PODER NO MUNDO ANTIGO"

Joana Campos Clímaco

Mestrado em História / USP

Prof.Dr. Norberto Guarinello



Resumo / abstract

O *paper* que se segue pretende apresentar algumas possibilidades de análise acerca das relações entre gregos e judeus de Alexandria, no contexto da dominação romana. As fontes selecionadas para fundamentarem a interpretação são alguns dos fragmentos dos *Acta Alexandrinorum*, ou *Atos dos mártires pagãos*, documentos provenientes ou referentes à cidade de Alexandria, dos séculos I e II d.C. Tais documentos foram provavelmente escritos por membros de grupo "nacionalista" de Alexandria e que, portanto, apresentam fortes tendências anti-romana e anti-judaica. A ênfase será dada no papel de Roma como juiz e ordenador de dois "mundos", o judaico e o grego, que convivem, conflitam e dialogam em Alexandria. Assim, o objetivo será levar em conta os aspectos que os afastam, mas também as possibilidades de diálogos que estabelecem.



Os *Acta Alexandrinorum*: conflitos étnicos ou briga por *status* em Alexandria?

O presente *paper* tem como objetivo discutir sucintamente a visão de outros grupos étnicos não-judaicos a respeito do judaísmo nos séculos I e II d.C., no auge do domínio romano. Assim, as fontes aqui tratadas não são de origem judaica, mas tem muito a colaborar para o entendimento do universo onde a concepção de nação, nacionalidade e seu vínculo territorial ainda não estavam presentes no sentido que lhes atribuímos hoje. Apesar disso, já podemos observar fortes laços que ligavam os membros de uma mesma etnia, através da solidariedade, mas também através da negação do outro e pretensão à superioridade da própria raça. A ênfase será dada nos judeus e no caráter "anti-social" de sua religião, e na elite helenizada de Alexandria, que segura da superioridade da cultura grega, já apresenta fortes tendências anti-judaicas. Além disso o papel de Roma será realçado, como dominador e "juiz" dos dois mundos, já que ambos estavam submetidos ao seu poderio.

As fontes utilizadas para análise são os *Acta Alexandrinorum* ou *Atos dos mártires pagãos*¹. Os AMP são coletâneas de fragmentos, datados entre 17 e 217 d.C. e referem-se a textos pouco conhecidos, de caráter historiográfico. A sua análise é trabalhosa, pois grande parte dos textos está incompleta, faltando linhas e até colunas inteiras. Devido à heterogeneidade no que se refere ao estilo dos textos, seu vocabulário, gramática e traços de retórica, não se deve atribuir a sua autoria a uma só pessoa. Dos fragmentos dos AMP, apenas um foi selecionado

¹ A partir desse momento utilizarei a sigla AMP para designar os textos dos *Atos dos mártires pagãos*.



para uma análise mais detalhada, os *Acta Hermaisci*, mas os outros serviram de apoio para fornecer uma visão mais geral a respeito do caráter dos AMP.

Os fragmentos são provenientes ou se referem à cidade de Alexandria na sua época de submissão aos romanos. Alexandria foi fundada por Alexandre, o Grande, em 331 a.C., quando ele tomou o Egito dos persas. Desenvolveu-se com os Ptolomeus, que a transformaram na capital de seu reino e no principal porto do Egito. Alexandria foi organizada segundo o modelo das *poleis* gregas, sendo suas instituições muito semelhantes às de Atenas. Possuía grande autonomia política e institucional, suas próprias leis, moeda e território exclusivos. Durante o Principado romano a cidade teve seu apogeu como centro econômico e cultural, perdendo em importância apenas para Roma². Quando esta dominou o Egito, Alexandria se tornou a capital cultural do Império Romano no Leste e a capital administrativa da província romana do Egito, sendo a cidade mais importante e populosa do país. Alexandria era admirada em todo o mundo mediterrâneo como centro cultural e, além disso, pela riqueza de seus monumentos, museus, bibliotecas, sua importância política e comercial. No entanto, com o domínio romano muito de sua antiga hegemonia foi perdida. A elite grega da cidade ainda regulava e controlava muito de sua organização política; no entanto, aos poucos os administradores romanos começam a se "infiltrar" e exercer o controle em vários segmentos da vida cívica, mesmo que de forma discreta. Por exemplo, os limites entre a jurisdição imperial e municipal eram consideravelmente flexíveis³. Assim, muito do que *a priori* estava a cargo do município

² Diana Delia. *Alexandria Citizenship During the Roman Principate*. (American Classical Studies 23) Georgia: Scholars Press Atlanta, 1991. P.4

³ Idem, p.103.



era resolvido pelos administradores romanos. Problemas que envolviam a cidade num nível mais global escapavam da esfera de influência até do administrador romano, tendo que contar com a intervenção direta do imperador.

A composição populacional de Alexandria era muito heterogênea. A população grega da cidade incluía gregos das colônias gregas de todo o mundo helenístico, além de egípcios helenizados (provenientes de cidades helenizadas). Os gregos não formavam uma classe homogênea, mas no geral, eram os membros de maior riqueza e status social na cidade e os que compunham a maior parte da classe dirigente. A comunidade judaica era significativa na cidade em termos numéricos e no que se refere aos privilégios e riquezas que possuíam. Além disso, era tradicional na cidade desde a época de Alexandre e correspondia a algo em torno de 30% da população⁴. A terceira categoria populacional se refere aos *peregrini*, muitas vezes também conhecidos como bárbaros, que seriam os egípcios das cidades não-gregas do Egito e do meio rural, além de membros de outras etnias e proveniências. Os *peregrini* eram os habitantes de menor status social na cidade, pelos quais gregos, judeus e inclusive romanos sentiam um profundo desprezo⁵. As fronteiras referentes ao status de um ou outro grupo estavam muito bem delimitadas, dificultando enormemente a entrada dos que estavam de fora. No entanto, os *peregrini* utilizavam várias estratégias para tentar ultrapassar as fronteiras e elevar seu *status*⁶.

Os judeus da Diáspora encontraram nas suas crenças e na sinagoga a forma de propagarem sua fé, já que estavam distantes do Templo e da "matriz" de sua religiosidade,

⁴ Diana Delia. "The population of Roman Alexandria" in: *Transactions of the American Philological Association* 118 (1988), p.288.

⁵ Delia, op.cit. p.43.

⁶ Idem, pp.36 e 38.



Jerusalém. No entanto, apesar da vivência em comunidades, geralmente ao redor da sinagoga, a partir do período helenístico a aculturação foi inevitável. Principalmente para os judeus mais eruditos e das classes mais abastadas, a inserção na cultura helenística era antes de tudo uma questão de "sobrevivência". Assim, observamos que continuam a praticar sua fé, mas de forma que facilite a convivência com membros estrangeiros. Ou seja, os judeus renunciam a algumas práticas que os isolam e os separam dos não-judeus (como a observância do sábado e a circuncisão) e executam e reafirmam outras que legitimem sua fé diante dos gentios, mas ao mesmo tempo transformem-na em algo simpático ou ao menos indiferente a estes (como a concepção de vida após a morte)⁷. Textos de judeus helenizados como Filon (da Diáspora) e Flávio Josefo (da Judéia) colaboraram para legitimar o judaísmo diante do público grego e conquistar muitos simpatizantes, inclusive alguns que se tornam "parcialmente prosélitos", ou seja, praticam alguns aspectos do judaísmo, mas não adotam a religião integralmente⁸. Com o domínio romano, os simpatizantes do judaísmo se tornam mais raros, principalmente em Alexandria. Assim, a possibilidade da convivência com outras religiões e culturas torna-se mais árdua.

É importante ressaltar que entre gregos e judeus da Diáspora havia complicadores que dificultavam a aproximação e a influência mútua entre as duas culturas, principalmente em Alexandria. As duas etnias, em geral, pretendiam apenas uma convivência que facilitasse a manutenção ou a elevação do *status quo* do qual já dispunham, e isso torna-se ainda mais evidente com o domínio romano. A tensão surge de ambos

⁷ John J. Collins. *Between Athens and Jerusalem. Jewish Identity in the Hellenistic Diaspora*. Grand Rapids: Eerdmans, 2000. P.169.

⁸ Idem, pp.261-272.



os lados: o judaísmo se apresenta aos gregos como uma crença estranha e supersticiosa, com suas tradições peculiares. Além disso, a lei de Moisés reforçava a idéia de superioridade da raça judaica e o comportamento anti-social diante dos gentios. Apesar da helenização dos judeus da Diáspora, muito do caráter do judaísmo tradicional se manteve, principalmente aos olhos dos gregos. E mesmo que fossem helenizados no sentido cultural, muitas das práticas judaicas religiosas continuavam coercitivas e resistentes à assimilação⁹. Mas pelo outro lado, a dimensão filosófica do judaísmo exercia alguma atração para os gregos, no entanto, as práticas distintivas dos judeus criavam nos helenos um mal estar que dificultava a aproximação. Além disso, a tradição cultural grega que tinha se espalhado por grande parte do mundo mediterrâneo e que havia conquistado tantos povos e territórios estava muito arraigada, fazendo com que o sentimento de superioridade da cultura helênica ainda fosse forte e preponderante entre os gregos. Tudo isso, somado ao ambiente de tensões sociais que já existia entre grupos étnicos diferentes no Egito, além do contexto específico de Alexandria propiciou o aumento de hostilidades entre gregos e judeus de Alexandria.

⁹ Esse fato se deve ao corpo de leis e doutrinas rígidas da religião judaica, que fazia com que o fiel tivesse obrigatoriamente uma rotina diferente de toda a população da cidade, pois suas crenças e regras morais incidiam diretamente sobre o seu comportamento diário. Para os outros estrangeiros da cidade, era mais fácil se inserir numa nova sociedade e ao mesmo tempo praticar sua antiga fé. Para os judeus isso era impossível, pois as leis de sua religião não diziam respeito apenas à fé, mas a todo modo de se comportar e se organizar, mesmo que resolvessem praticar uma fé mais branda e menos ortodoxa. Claro que o judaísmo da Diáspora está longe de ser homogêneo, o grau de aceitação da cultura helenística e a aculturação também não são. Além disso, com a distância de Jerusalém, as escrituras deixaram margens para diversas interpretações e formas de perceber a religião, mas apesar disso é difícil acreditar que um padrão não tivesse se mantido e os preceitos gerais da fé também, e tal padrão já era suficiente para distanciá-los dos outros grupos étnicos.



Em Alexandria, a comunidade judaica se destacava em relação ao resto dos habitantes da cidade no que se refere à riqueza. O bairro dos judeus é descrito como o mais belo, rico e maior da cidade¹⁰. Os privilégios dos judeus em Alexandria se referem principalmente ao período anterior à conquista romana, quando o Egito ainda estava sob domínio dos Lágidas. Em nenhum lugar os judeus da Diáspora tiveram condições de vida tão boas como em Alexandria¹¹; a comunidade não era só privilegiada economicamente, mas também influente na vida política da cidade. Mas pelo outro lado, provavelmente em nenhum lugar e em nenhum outro momento do império romano, os judeus tiveram menos simpatizantes do que em Alexandria. Na maioria das cidades gregas que possuíam comunidades judaicas, os judeus eram tratados com simpatia ou ao menos indiferença pelo resto da população, mas na Alexandria romana a situação foi diferente¹². Na maior parte das colônias gregas, muitos não-judeus acabaram se convertendo ao judaísmo, tornando-se prosélitos, mas não foi encontrado nenhum fragmento que descreva fenômeno semelhante em Alexandria.

Com o domínio romano no Egito, que teve início em 30 a.C., a situação cômoda da qual os judeus de Alexandria dispunham no período ptolomaico alterou-se consideravelmente. A princípio a maioria dos judeus apoiou a dominação romana, pois achou que seus privilégios seriam confirmados e mesmo aumentados. Até o governo de Augusto, tudo correu conforme as previsões dos judeus, mas não demorou muito para eles verem seus privilégios enfraquecerem. Os judeus tiveram a participação na vida da

¹⁰ Luciano Canfora. *A biblioteca desaparecida. Histórias da biblioteca de Alexandria*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Pp. 25 e 26.

¹¹ Victor Tcherikover. "The decline of the Jewish Diaspora in Egypt in the Roman period" in: *The Journal of Jewish Studies* 14, 1963. P.1.

¹² Shaye Cohen. "Crossing the boundary and becoming a Jew" in: *Harvard Theological Review* 82:1, 1989. P.32.



cidade diminuída drasticamente, o que fez com que a comunidade judaica se isolasse ainda mais. No que se refere à população grega da cidade, ela tinha para os romanos grande importância cultural, o que fez com que os romanos se aproximassem dela cada vez mais, e lhe transferissem os privilégios que eram antes dos judeus. Culturalmente os gregos eram importantes para os romanos devido à sua afinidade em termos da tradição filosófica e retórica. Mas a importância dos gregos para os romanos não se esgotava apenas no campo cultural: politicamente também os gregos tinham muito a colaborar com os romanos. Como estes ainda estavam expandindo seu território, muitas das cidades que eles pretendiam conquistar estavam ainda submetidas às classes dirigentes gregas. Fazendo destes seus aliados, os romanos teriam mais facilidades em suas conquistas. Daí a concessão de direitos e privilégios aos gregos de Alexandria.

Com a helenização, a cultura grega se estendeu a muitas cidades de todo o Mediterrâneo e, pelos gregos não serem um grupo etnicamente isolado, ficou cada dia mais difícil identificá-los em Alexandria. Os romanos adotaram algumas estratégias para identificar os habitantes do Egito em termos de "gregos" e "não-gregos". Eles diziam que apenas aqueles provenientes das cidades gregas (i.e. que foram colonizadas por gregos), ou seus descendentes seriam realmente inseridos nessa categoria e teriam seus privilégios garantidos. Os princípios para separá-los foram estabelecidos seguindo critérios artificiais, acabando por classificar como "gregos" muitos cidadãos que tinham se helenizado, mas que não eram helenos de origem ou descendência¹³. O importante é que, no referido processo, os judeus foram "jogados" para o campo dos egípcios, tendo

¹³ Tcherikover, op.cit. pp.4, 5 e 6.



que começar a pagar impostos a Roma, tarefa aos quais os "gregos" de Alexandria não tinham que se submeter. Pela primeira vez, desde que os judeus tinham se estabelecido em Alexandria, eles viram seus privilégios se esvaecerem.

Além disso, no reinado de Calígula, vários aspectos do judaísmo começaram a ser abertamente criticados na cidade, por tudo isso, muitos judeus acabaram renunciando às suas crenças e tradições para ingressar no modo de vida grego e para que pudessem receber as mesmas concessões e os mesmos direitos que estes. Tal situação foi sentida como um impasse para os judeus, pois ou eles se prendiam às suas tradições e sua religiosidade e renunciavam aos privilégios dos quais dispunham anteriormente, ou então inseriam-se completamente no modo de vida grego, abandonando os antigos costumes, que eram tão caros à comunidade, mas receberiam em troca as concessões dos romanos. Em suma, para os judeus, ter que pagar impostos aos romanos era uma grande ofensa e injustiça, pois assim eles ficariam no mesmo patamar dos egípcios de Alexandria, pelos quais não tinham o menor respeito. No contexto em questão, vários grupos de judeus de Alexandria vão se formar e reclamar seus direitos às autoridades romanas, conseguindo algumas concessões. Muitos dos gregos, sentindo-se injustiçados, vão protestar diante dos imperadores, resultando no julgamento de vários deles. Muitos dos fragmentos dos AMP vão descrever exatamente os episódios de julgamentos diante das autoridades romanas e os conflitos dos gregos com os judeus. Assim, os documentos apresentam um caráter apologético de propaganda anti-romana e anti-judaica, sendo a raiz da indignação em relação aos dois grupos de origens diferentes, e que também se comportavam de maneiras diferentes.



O P. Oxy. 1242 (*Acta Hermaischi*) é o mais importante fragmento para o propósito da pesquisa, por tratar explicitamente da relação entre judeus e gregos de Alexandria diante do poderio imperial¹⁴. O fragmento se refere ao reino de Trajano, provavelmente ao seu início, entre 111 e 113 d.C.. quando o imperador inicia uma grande mudança na política do Império: a expansão imperialista que, por alguns momentos, tinha sido interrompida ou realizada com mais prudência é retomada por Trajano com todo vigor. Ele era general de carreira e tinha excelente preparo militar¹⁵. O retorno às atividades imperialistas se refletiu na conquista de novos territórios, mas também provavelmente no controle mais cerrado das colônias já conquistadas. Assim, não deve ser mera coincidência o fato de muitos dos fragmentos dos AMP se referirem ao reinado de Trajano, pois com o endurecimento das práticas imperialistas, muito da autonomia que cidades como Alexandria possuíam foi perdida. O sentimento nacionalista e anti-romano torna-se então mais forte e os episódios de descontentamento em relação ao Império, mais freqüentes. Assim podem ser caracterizados os *Acta Hermaischi*.

O fragmento descreve as acusações de um certo Hermaischo, proeminente cidadão grego de Alexandria, contra judeus de Alexandria que estavam adquirindo boas posições no Império, e que, portanto, dispunham de privilégios em relação aos gregos.

O documento inicia-se dizendo que Dionísio, cidadão grego proeminente em Alexandria, dispunha de uma embaixada

¹⁴ Herbert Musurillo. *Acts of the Pagan Martyrs*. New York: Oxford University Press, 1954. Pp.44-48. A abreviação citada é de Musurillo referente aos "papiros de Oxirrinco" no. 1242. Oxirrinco era uma cidade do Egito onde uma grande quantidade de papiros foi encontrada no final do século XIX e início do XX, e entre esses papiros estava o referido acima.

¹⁵ Timothy D. Barnes. "Trajan and the Jews" in: *Journal of Jewish Studies* 40, 1989. Pp.145-162.



de cidadãos alexandrinos, da facção grega de maior *status* na cidade organizada para representá-los em Roma caso fosse necessário defender os direitos da referida facção. Em seguida, o autor realça que quando os judeus descobrem a organização, eles também promovem uma embaixada com membros de seu próprio grupo. Os dois partidos deixam Alexandria com destino a Roma com suas respectivas embaixadas. Os gregos carregam consigo a estátua de Seráfis, e de acordo com o documento, os judeus também levam uma representação do seu deus, mas o documento não cita o nome de Iahweh, o que leva a crer que a representação seja algo relacionado à fé, pois o judaísmo não aceitava a adoração de imagens. A primeira parte do documento está faltando, então é provável que, antes do autor falar da formação das embaixadas de gregos e judeus de Alexandria, ele tivesse dito algo a respeito do porquê das embaixadas estarem se formando para ir a Roma. A embaixada dos judeus forma-se depois da dos gregos, então é possível que estes estivessem se organizando para ir a Roma reclamar algo a respeito dos judeus, e estes, vendo que não estavam representados, buscam uma rápida organização para acompanharem os gregos e se defenderem diante do imperador.

Em seguida, o autor fala da chegada das duas embaixadas a Roma e da receptividade do imperador Trajano aos dois grupos. Influenciado por uma certa Plotina, Trajano recebe os judeus com grande entusiasmo e educação, mas em relação aos gregos ele não se apresenta tão amistoso - o Imperador os recebe dizendo: "Vocês dizem 'olá' para mim como se merecessem um cumprimento-depois de tudo que vocês ousaram fazer aos judeus!"¹⁶. Depois Trajano fala da insolência e da falta de respeito com que os gregos estavam conversando com ele, dizendo que mereceriam até a morte. Hermaisco

¹⁶ Musurillo, op.cit. p.47.



justifica a sua insolência dizendo que estava descontente pela presença de judeus ímpios no conselho privado de Trajano. O Imperador avisa novamente que não está satisfeito com o tratamento que está recebendo de Hermaisco, dizendo que este está se aproveitando de seu nascimento (i.e. de ter posição privilegiada dentro de Alexandria). Hermaisco garante que não está desrespeitando o Imperador e pede que o próprio explique porquê estaria havendo desrespeito. Trajano responde a Hermaisco que este o ofendeu ao dizer que o seu Conselho estava repleto de judeus. Hermaisco argumenta dizendo: "Então a palavra 'judeu' é ofensiva para você? Nesse caso é melhor você ajudar o seu próprio povo e não exercer o papel de advogado de judeus ímpios"¹⁷. O argumento de Hermaisco em relação à exposição de Trajano pode ser visto como um preconceito disfarçado do Imperador em relação aos judeus, ou relativo às contradições de sua opinião em relação a estes. Mas também pode significar que o Imperador não pretendia se mostrar explicitamente favorável a nenhum grupo, que todos deveriam estar igualmente submetidos ao poder dos romanos; assim, quando é acusado por Hermaisco de favorecer os judeus, o Imperador mostra-se irritado. Quando Hermaisco encerra a sua argumentação, acontece o episódio da quebra do busto da deusa grega Seráfis, que tinha sido levado a Roma pela embaixada grega, que é descrito como milagre pelo autor do documento.

O texto não é claro quanto ao que aconteceu, mas lê-se que todos ficaram atônitos, o Imperador e toda a população de Roma. Nesse exato momento o documento chega ao fim, nos deixando sem saber no que o episódio de Seráfis poderia ter resultado. Musurillo argumenta que o episódio teria sido interpretado por Trajano como confirmação divina ao pedido

¹⁷ Idem, p.48.



dos gregos de punição aos judeus, "revelando" que seria difícil para o Imperador não conceder o pedido aos gregos¹⁸. A argumentação de Musurillo é convincente, mas não explica o porquê da mudança repentina na concepção de Trajano, que parecia inicialmente tão decidido a favor dos judeus. No entanto, a política de Trajano em relação aos judeus foi contraditória, o que pode oferecer novo crédito à argumentação de Musurillo.

Pela irritação de Trajano no início do documento, supõe-se que algum atrito já estivesse ocorrendo entre gregos e judeus de Alexandria, o que fez com que o Imperador ficasse receoso em relação aos gregos. No documento, observa-se a revolta dos gregos em perceberem que os judeus de Alexandria estavam adquirindo privilégios não só naquela cidade, mas também em Roma. Assim, se a princípio o domínio romano não veio favorecer os judeus, e fez diminuir grande parte dos privilégios que tinham adquirido anteriormente, aos poucos eles recuperaram grande parte dos antigos direitos recorrendo às autoridades romanas, o que não é bem aceito pelos gregos de Alexandria, principalmente pelos mais abastados. Musurillo define o documento como uma missão diplomática entre alexandrinos, romanos e judeus¹⁹. No entanto, ao lermos o fragmento temos a impressão que as relações já estavam há muito abaladas e que os gregos de Alexandria foram à Roma em busca de atitudes mais radicais das autoridades romanas em relação aos judeus. Pelas palavras de Hermaisico, ele não parece estar disposto a estabelecer relações amigáveis com os judeus, chamando-os de ímpios; pretende antes minar os seus direitos e tentar promover o anti-judaísmo, que já estava bem desenvolvido em Alexandria.

¹⁸ Idem, p.164.

¹⁹ Idem, p.161.



Outra questão interessante do fragmento é a hostilidade exagerada de Trajano diante dos gregos e a simpatia também exagerada em relação aos judeus, traço típico da propaganda anti-romana. O fragmento tenta “provar” aos leitores que por mais que o Imperador estivesse adotando essa postura, o “milagre” de Seráfis concede a razão aos gregos, uma forma “sutil” que o autor do documento encontrou para mostrar que os gregos estavam certos, assim, não seria necessário recorrer a palavras que condenem o Imperador, as “forças divinas” já teriam deixado tudo muito claro. De acordo com Collins, o caráter do documento é altamente ficcional, mas serve para ilustrar a persistência de antigos problemas entre gregos e judeus de Alexandria²⁰. A carga ficcional do documento é evidente no que se refere ao milagre de Seráfis e ao exagero no bom tratamento do Imperador aos judeus, no entanto, mostra que a facção anti-judaica da cidade era forte e organizada e que os descontentamentos aumentavam ainda mais quando algum judeu estivesse ascendendo socialmente. Diana Delia ressalta que a maior parte dos críticos de Alexandria a Roma e os que tiveram mais representantes no conflito com o Império eram os gimnasiarcas. Esse era o cargo municipal de maior prestígio que um cidadão de Alexandria poderia ter e aspirar²¹. No documento fica claro que a maior parte dos membros da embaixada grega era gimnasiarca, o que leva a crer que a crítica fervorosa aos judeus estava relacionada ao medo da perda do *status* para os judeus, já que até em Roma eles estavam adquirindo importantes posições.

O problema maior dos gregos em relação aos judeus não era de caráter religioso, mas sim o fato de que os judeus, além do direito de praticarem sua fé, ambicionavam a maior

²⁰ Collins, *op.cit.* p.141.

²¹ Delia, *Alexandrian Citizenship*, p.106.



participação política. Muitos foram os episódios de conflito e discordância entre judeus e alexandrinos; no tempo de Calígula e Cláudio eles foram marcantes e continuaram com Trajano e Adriano. Mas o documento selecionado ilustra um pouca da força que o anti-judaísmo estava adquirindo em Alexandria e a política contraditória do império em relação aos dois grupos. Se o documento tem um caráter fictício ou não está fora do propósito dessa análise e mesmo que fosse, ele foi produzido num contexto muito específico e com o intuito de buscar soluções para os problemas que inevitavelmente não só os gregos de Alexandria estavam sofrendo, mas toda a cultura helenística que via a superioridade do seu modo de vida como algo inabalável. Ao se observar que judeus estavam de alguma forma acendendo socialmente e adquirindo alguma notoriedade em Roma, e que os dirigentes do Império não precisavam mais de seus antigos aliados gregos para expandir e consolidar o domínio romano, o nacionalismo dos alexandrinos mostra-se intenso. Além disso, a perda de autonomia de Alexandrina é notável e as razões da perda estavam (do ponto de vista dos AMP) nos elementos não-nacionais da cidade: romanos e judeus. Nessa perspectiva, ele não pode ser descartado como fonte historiográfica.